

EU &**Arte**

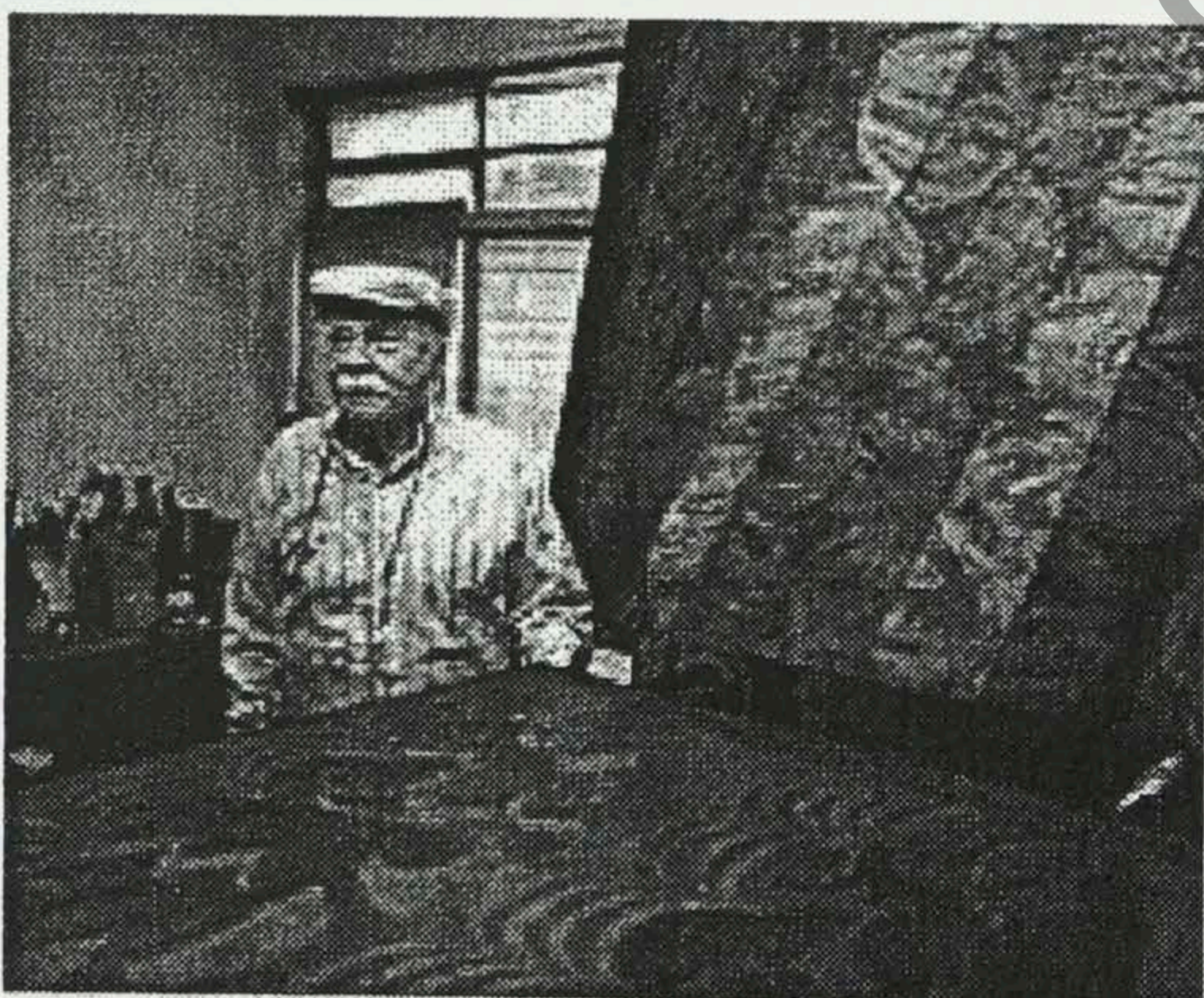
O museu apresenta 50 trabalhos realizados durante a carreira de um dos integrantes do concretismo brasileiro.

Obra de Fiaminghi é revista no MAM-SP

"Mostra Antológica de Hermelindo Fiaminghi", Com curadoria de Isabella Cabral. Abertura na quinta-feira, às 19h, para convidados. De sexta-feira a 29 de julho. No Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), sala Paulo Figueiredo. Parque do Ibirapuera, portão 3, tel: (00XX11) 5085-1300. Às terças, quartas e sextas, das 12h às 18h. Às quintas, das 12h às 22h, e aos sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h. Entrada franca às terças e a partir das 17h das quintas.

Por Renata Saraiva

Foto: Rogério Assis/Fotosite/Valor



Hermelindo Fiaminghi em seu ateliê: a pesquisa de cor, que o preocupava desde o início de sua carreira, intensificou-se após aprendizado com Alfredo Volpi

A partir de quinta-feira, o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) apresenta 50 obras de Hermelindo Fiaminghi, um dos integrantes do concretismo brasileiro, movimento que reuniu, na década de 50, artistas como Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros e Luiz Sacilotto, além dos poetas Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari.

A exposição, feita sob curadoria de Isabella Cabral, recebeu o nome de "Mostra Antológica de Hermelindo Fiaminghi". Trata-se mesmo de uma antologia, por apresentar obras representativas da produção do artista por quase cinco décadas, de 1949 a 1997.

A retrospectiva é dividida em seis módulos. O primeiro, "Preparação para a Arte Concreta", apresenta trabalhos do início da década de 50. Vem seguido de "A Festa da Arte Concreta" (década de 50) e "Preparação para a Corluz" (fim dos anos 50). A produção do artista na década de 60 está no módulo "Vôo Solo", ao qual se seguem "Recolhimento" (década de 70) e "A Corluz - Depois da Verdade" (décadas de 80 e 90). O último módulo é composto de 30 quadros, representando, assim, a maior

parte da exposição.

A escolha do MAM-SP para abrigar a mostra ressalta um vínculo histórico entre o artista e a instituição. Foi lá que se realizou a primeira Exposição Nacional de Arte Concreta, em dezembro de 56. Participaram dessa mostra, ao lado de Fiaminghi, Geraldo de Barros, Aluísio Carvão, Lygia Clark, Waldemar Cordeiro, João S. Costa, Judith Lauand, Maurício Nogueira Lima, Rubem M. Ludolf, César e Hélio Oiticica, Luiz Sacilotto, Décio Vieira, Alfredo Volpi, Alexandre Wollner, Lothar Charoux, Lygia Pape, Amílcar de Castro, Kasmer Fejer, Franz J. Weissmann e Ivan Serpa.

Entre os poetas presentes na mostra, estavam os irmãos campos (Augusto e Haroldo), Décio Pignatari, Ronaldo Azeredo, Ferreira Gullar e Waldimir Dias Pino. Muitos daqueles artistas plásticos já participavam, desde 52, do grupo Ruptura, que privilegiava a organização do espaço e a estruturação das formas e das cores, como uma reação ao subjetivismo representado pela pintura figurativista com características expressionistas.

"Ainda hoje acredito que pintar é um ato que independe da emoção. A pintura não depende da emoção, é a emoção que depende da pintura", diz Fiaminghi. O artista, com 81 anos, recebeu o Valor em seu ateliê, no bairro de Vila Monumento, próximo ao Cambuci, em São Paulo. Foi no Cambuci que ele começou a freqüentar o ateliê de Alfredo Volpi, em 59, logo após romper oficialmente com o grupo concretista, em 58.

"Aquele não foi um rompimento à paulada. Foi natural, pois a própria arte pedia uma separação. Eu não fazia poesia e os poetas concretos não faziam pintura, com exceção de Décio (Pignatari) e Augusto (de Campos), que fizeram um pouco", lembra ele. A separação também não significou o fim de relações pessoais e profissionais. Em 59, Fiaminghi fundou a Planejamento, Divulgação e Propaganda - PDP, em sociedade com Pignatari e outros.

Com o mestre Volpi Fiaminghi aprendeu a técnica da têmpera, que o levou a intensificar uma preocupação que o acompanhava desde quando se formara como artista gráfico: a pesquisa de cor. "Nas artes gráficas, a cor é muito importante; então, embora sempre tenha feito questão de separar as minhas atividades publicitárias e gráficas da atividade artística, o homem que produzia tudo isso era um só: eu. Assim, a experiência adquirida nas artes gráficas serviu ao pintor", diz Fiaminghi, que começou a trabalhar em 35 como litógrafo artesanal na Companhia Melhoramentos e em 36 ingressou no Liceu de Artes e Ofícios, onde estudou desenho, escultura e arquitetura.

Para o crítico de arte Olívio Tavares de Araújo, o convívio com Volpi foi determinante para a visão de arte e do mundo de Fiaminghi. Em 88, ele escreveu: "Além de ter aprendido com Volpi a técnica da têmpera, Fiaminghi aprendeu também uma atitude de humildade e artesanias integrais diante da criação." A consequência, afirma Araújo, é que a obra de Fiaminghi passa a ser uma extensão de seu viver cotidiano.

Fiaminghi chegou a dizer ao crítico que não sabia mais como chegava a cada resultado. "No meio do quadro é que eu começo o diálogo com ele. Me desprogramei completamente." A afirmação parecia radical para um artista que fizera parte de um dos movimentos intelectuais mais programados do país.

Em 58, Fiaminghi produziu a série "Virtual", em que a desconstrução de cores e formas substituiu as tensões do construtivismo geométrico. Para muitos, essa série é um prenúncio de "Corluz", conjunto de obras realizadas entre os anos 80 e 90, em que Fiaminghi busca a vibração das cores por meio de contraste entre diversas combinações.

Também na quinta-feira, a galeria Sylvio Nery (Rua Oscar Freire, 164, São Paulo) apresenta 31 guaches sobre papel de Luiz Sacilotto, outro ícone do concretismo, que teve uma retrospectiva na Dan Galeria até o início do mês passado. Diferentemente de Fiaminghi, Sacilotto permaneceu devoto aos paradigmas rígidos da arte concreta. "Ele é muito organizado, pragmático, ainda não desistiu", diz Fiaminghi.